IV SEMANA DA DEMOGRAFIA

DEMOGRAFIA DOS INVISIBILIZADOS: FORTALECENDO PRESENÇAS QUE ESCAPAM

UNICAMP – 06 a 10 de abril de 2026

A INSERÇÃO DE SÍRIOS E LIBANESES NA AGRICULTURA DO OESTE PAULISTA: TRAJETÓRIAS E MOBILIDADE SOCIOECONÔMICA EM JAÚ

Miguel Brandão Martinez[1]

RESUMO

Este trabalho investiga a inserção de imigrantes sírios e libaneses na agricultura do Oeste Paulista, com foco na região de Jaú na primeira metade do século XX. A partir da análise de inventários post mortem, listas de impostos municipais, estatísticas agrícolas e zootécnicas, registros vitais, prontuários de RNE e periódicos locais, demonstra-se que ao menos 10 famílias de origem sírio-libanesa investiram em propriedades rurais. Enquadrado na perspectiva da Demografia Histórica, o estudo articula abordagens quantitativas e qualitativas para mapear trajetórias de mobilidade socioeconômica que contrastam com as narrativas consolidadas sobre esse grupo imigrante. Os resultados indicam que a inserção agrícola ocorreu após consolidação comercial urbana, articulando diversificação patrimonial, redes familiares e aproveitamento de conjunturas de crise, embora não tenha se consolidado intergeracionalmente. Nesse sentido, a pesquisa amplia a compreensão sobre estratégias de investimento e mobilidade social de imigrantes não-europeus no contexto cafeeiro paulista.

Palavras-chave: Imigração sírio-libanesa; Oeste Paulista; Agricultura cafeeira; Demografia histórica; Mobilidade socioeconômica.

INTRODUÇÃO

A literatura sobre a imigração de sírios e libaneses para o Brasil consolidou uma narrativa centrada na inserção urbana e na trajetória comercial desses imigrantes (Knowlton, 1961; Safady, 1972; Truzzi, 2009). Segundo esse padrão interpretativo, esses imigrantes teriam iniciado suas trajetórias profissionais como mascates, estabelecido casas comerciais e, posteriormente, expandido seus negócios para o atacado e a indústria, mantendo-se essencialmente no meio urbano. Inscrita nesse marco analítico, esta pesquisa procura demonstrar empiricamente que essa trajetória não foi exclusiva nem unidirecional, especialmente quando esses imigrantes passaram a se direcionar para a região do Oeste Paulista.

[1] Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. E-mail: miguelbrandaomartinez@gmail.com
Este trabalho foi realizado com o apoio da FAPESP (processo nº 2024/14526-9) e está vinculado ao Projeto Temático "Dinâmicas de incorporação, mobilidade e dominação no Oeste Paulista, 1850–1950", também financiado pela FAPESP (processo nº 2023/11937-5).

A partir da análise de fontes primárias, especialmente inventários *post mortem*, estatísticas agrícolas estaduais e periódicos locais, identificaram-se ao menos dez famílias sírias e libanesas que adquiriram propriedades rurais, cultivaram café e participaram ativamente da economia agrícola na região polarizada por Jaú, na primeira metade do século XX. Tal evidência desafia três pressupostos recorrentes na historiografia: (1) a suposta aversão do grupo ao trabalho agrícola; (2) a narrativa linear mascate–comerciante–industrial; e (3) a invisibilidade de estratégias econômicas híbridas que combinavam comércio urbano e investimentos rurais. Ao questionar esses pressupostos, o trabalho procura deslocar o foco exclusivo do meio urbano e recolocar a experiência sírio-libanesa em diálogo com a dinâmica da economia cafeeira.

Para situar empiricamente esse debate, convém lembrar que a imigração de sírios e libaneses para o Brasil intensificou-se a partir da década de 1880, impulsionada por fatores políticos, religiosos e econômicos no Império Otomano que dominava o território que atualmente corresponde a Síria e ao Líbano. Entre 1884 e 1933, cerca de 130.000 imigrantes desembarcaram nos portos brasileiros e, diferentemente das correntes migratórias subsidiadas pelo governo, apoiaram-se sobretudo em redes familiares e comunitárias como principal mecanismo de mobilidade. No território nacional, concentraram-se inicialmente nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, com destaque para forte presença na capital paulista, especialmente na região da Rua 25 de Março (Truzzi, 2009).

Em pouco tempo, acompanhando a expansão da fronteira cafeeira e da malha ferroviária, sírios e libaneses deslocaram-se para o interior paulista, estabelecendo-se em cidades como Araraquara, São Carlos, Ribeirão Preto, Franca e Jaú, onde reproduziram a estratégia comercial desenvolvida na capital (Truzzi, 2019). Excluídos das políticas de recrutamento agrícola e apoiados em redes mercantis e familiares transnacionais, sírios e libaneses consolidaram no interior uma inserção profissional centrada na atividade comercial, cristalizando a interpretação de uma divisão étnica do trabalho entre europeus na agricultura e árabes no comércio (Knowlton, 1961; Truzzi, 2009).

Contudo, como esta pesquisa demonstra, essa delimitação esteve longe de ser absoluta. A investigação teve como ponto de partida a Estatística Agrícola e Zootécnica de 1930-31, mobilizada para verificar a presença de proprietários sírio-libaneses entre os cafeicultores de Jaú. O levantamento revelou que, entre os 723 produtores de café do município, sete eram identificados como sírios e, embora numericamente minoritários, detinham 696 alqueires avaliados em 2.912 contos de réis, extensão e valor superiores aos registrados para portugueses e espanhóis. Na estatística de 1934-35, o número passou para 11 proprietários, com 738 alqueires, indicando expansão mesmo em contexto de crise (São Paulo, 1936).

Esses dados já indicavam uma inserção agrícola mais significativa do que a literatura tradicional supunha. O passo seguinte consistiu no cruzamento dessas informações com inventários *post mortem*, listas de impostos municipais e outras fontes documentais, o que permitiu individualizar esses proprietários e reconstruir suas trajetórias econômicas e familiares. Esse procedimento evidenciou a atuação sistemática de determinadas famílias sírias e libanesas na aquisição e gestão de propriedades rurais na região, das quais se destacam Alasmar, Letaif e Mussi, que serão abordadas de forma detalhada por este trabalho. Para compreender as estratégias que orientaram essas experiências e enfrentar a lacuna historiográfica apontada, estruturou-se um desenho metodológico baseado na articulação entre diferentes tipos de fontes e escalas de análise, conforme se detalha na seção seguinte.

MÉTODOS

Esta pesquisa insere-se no campo da Sociologia Histórica e combina abordagens quantitativas e qualitativas para reconstituir trajetórias de mobilidade migratória e socioeconômica de famílias sírio-libanesas, com base em análise prosopográfica e cruzamento sistemático de fontes diversificadas (Skocpol, 2007; Monsma, 2016). Entende-se aqui por prosopografia a construção de biografias coletivas que permite observar padrões de inserção econômica e redes familiares a partir de um conjunto de casos interrelacionados.

À luz desse problema e dessa lacuna historiográfica, a dimensão quantitativa apoiou-se em levantamentos demográficos e econômicos (estatísticas agrícolas estaduais, listas

municipais de impostos, recenseamentos e registros vitais), que permitiram mapear a presença de sírios e libaneses na agricultura de Jaú e identificar padrões de inserção produtiva. Já a dimensão qualitativa concentrou-se na reconstrução de itinerários familiares por meio de inventários *post mortem*, prontuários de Registro de Estrangeiros (Modelo 19), periódicos locais e entrevistas com descendentes. Entre as principais fontes destacam-se os inventários da Comarca de Jaú (1900-1950) e as listas anuais de impostos municipais (1910-1940), preservados no Museu Municipal, bem como as publicações da Estatística Agrícola e Zootécnica do Estado de São Paulo (1904-1905; 1930-31; 1934-35). Registros paroquiais de batismo e matrimônio, o Almanach Laemmert e o periódico Comércio do Jahu contribuíram para reconstituir núcleos familiares, alianças matrimoniais, redes de compadrio e formas de sociabilidade.

O percurso analítico iniciou-se com a identificação de proprietários sírios e libaneses nas estatísticas agrícolas, seguida da delimitação cronológica de investimentos e propriedades por meio das listas fiscais. Em seguida, os inventários foram examinados em detalhe e cruzados com registros vitais, prontuários e almanaques, permitindo relacionar patrimônio, trajetórias migratórias e redes familiares. A combinação desses diferentes conjuntos documentais e escalas de observação possibilitou identificar quem eram os proprietários sírios e libaneses em Jaú e compreender os processos que orientaram seu deslocamento ao meio rural, suas trajetórias econômicas e suas estratégias de reprodução social. Com base nesse procedimento analítico, apresentam-se os principais resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escolha das três famílias apresentadas a seguir justifica-se pela escala patrimonial alcançada e pela riqueza documental disponível. A análise desses casos permite identificar padrões de mobilidade socioeconômica, estratégias de diversificação patrimonial e dinâmicas de transmissão intergeracional, bem como distintas formas de articulação entre comércio urbano e propriedade rural. Julia Alasmar operou em escala ampliada, combinando comércio, imóveis urbanos e grandes fazendas em diferentes frentes da expansão cafeeira paulista. Felippe

Mussi consolidou-se como médio proprietário de sítios concentrados geograficamente em Jaú. Já Nagib Letaif integrou propriedades rurais médias à estrutura de uma empresa familiar comercial, utilizando o meio rural como complemento e garantia dos negócios urbanos.

Nascida em Hasbaya, no atual Líbano, Julia imigrou para o Brasil em 1894 e seguiu uma trajetória atípica para as mulheres desse grupo étnico. Direcionou-se inicialmente para Dois Córregos para se juntar à irmã que havia imigrado anteriormente e começou a mascatear. Em pouco tempo, acumulou capital e estabeleceu-se em Jaú, onde se consolidou no ramo de armarinhos e tecidos. A prosperidade do negócio permitiu acumular patrimônio urbano e iniciar, a partir de 1909, sucessivas aquisições rurais. Neste ano, adquiriu a Fazenda Concha de Ouro, em Barra Bonita, mantendo-a até 1916, quando vendeu a propriedade e algumas casas em Jaú para comprar a Fazenda Bom Jardim, localizada no distrito de Bica de Pedra, com 232 alqueires e 180 mil pés de café. Em 1923, ampliou ainda mais sua presença no meio rural ao adquirir, em sociedade familiar, uma área de 1.700 alqueires em Santo Anastácio. Sua trajetória revela, assim, uma estratégia de expansão territorial diversificada, com propriedades distribuídas em distintas zonas cafeeiras.

Esse ciclo de expansão, contudo, foi profundamente afetado pela conjuntura econômica do final da década de 1920. A crise de 1929 representou uma inflexão decisiva em sua trajetória patrimonial. A falência de uma casa comissária de Santos, que era intermediária na comercialização do café, resultou na perda do equivalente a 6.000 sacas e em endividamento expressivo, comprometendo a liquidez acumulada ao longo de duas décadas. A necessidade de reorganização financeira levou à venda de parte dos bens urbanos e à centralização das atividades nas propriedades rurais remanescentes. Ainda que medidas federais de renegociação de dívidas agrícolas tenham possibilitado certa recuperação, o inventário aberto em 1939 registra patrimônio rural significativo, porém acompanhado de passivos relevantes, revelando uma estrutura patrimonial tensionada pela crise. Na geração seguinte, os investimentos agrícolas não foram mantidos e os herdeiros reorientaram-se para atividades urbanas, encerrando o ciclo de expansão territorial iniciado nas décadas anteriores.

Felippe Mussi seguiu itinerário semelhante, embora em escala mais moderada. Comerciante estabelecido em Jaú, iniciou a diversificação de seus investimentos a partir da década de 1920, quando adquiriu três sítios situados nas imediações do município – totalizando cerca de 69 alqueires e aproximadamente 63 mil pés de café – além de manter um imóvel urbano. Diferentemente do caso de Júlia, cuja expansão territorial alcançou distintas frentes da zona cafeeira, a estratégia de Mussi concentrou-se em propriedades médias e geograficamente próximas, sugerindo uma inserção rural articulada à manutenção de suas atividades comerciais locais. A aquisição das terras parece ter funcionado como forma de diversificação patrimonial e de estabilização econômica, sem implicar deslocamento definitivo para o meio agrícola.

A crise do café também afetou sua trajetória. O inventário aberto em 1930 registra dívidas junto a casas comissárias e hipoteca das propriedades, evidenciando os impactos da retração do mercado sobre comerciantes que haviam investido no setor produtivo. Ainda que tais passivos tenham sido posteriormente liquidados pela família, o episódio revela a vulnerabilidade de investimentos fortemente vinculados à dinâmica da comercialização do café. Na geração seguinte, a exploração agrícola não teve continuidade, prevalecendo a reorientação para atividades urbanas, o que indica que a experiência rural foi conjuntural e não estruturante no longo prazo.

Nagib Letaif representa uma terceira modalidade de inserção. Integrante da Companhia Felippe Letaif e Adib Letaif, estruturou uma empresa familiar com forte presença urbana e inseriu os investimentos rurais como componente complementar dessa estrutura mercantil. Seu inventário de 1941 registra dois sítios que somavam 86 alqueires, com mais de 50 mil pés de café em um deles. Diferentemente do padrão de expansão territorial observado no caso de Julia, as propriedades de Letaif funcionavam como extensão patrimonial da firma comercial, configurando um modelo de integração entre comércio e produção agrícola mais circunscrito e funcional.

Nesse caso, a atividade rural parece ter desempenhado papel estratégico na consolidação da empresa familiar, seja como forma de diversificação de ativos, seja como garantia patrimonial frente às oscilações do mercado. Após sua morte, a empresa manteve-se

ativa no meio urbano, mas a exploração agrícola não foi aprofundada pelos herdeiros. Tal descontinuidade reforça o padrão observado nos demais casos: a inserção no meio rural constituiu etapa específica de uma trajetória de mobilidade, sem se converter em eixo permanente de reprodução econômica intergeracional.

A comparação dos três casos evidencia padrões recorrentes na inserção agrícola sírio-libanesa em Jaú: a aquisição de propriedades ocorreu após a consolidação comercial urbana, concentrando-se sobretudo entre 1910 e 1928; as terras localizavam-se majoritariamente em municípios vizinhos, mantendo-se a residência em Jaú; redes familiares sustentavam crédito e circulação de informações; e a atividade agrícola não se consolidou na segunda geração. Esses elementos indicam que a compra de terras articulava diversificação econômica, busca de prestígio e aproveitamento de conjunturas específicas – como a crise do café – além de refletir o acesso privilegiado desses comerciantes a informações sobre propriedades disponíveis. As trajetórias analisadas condensam, assim, um padrão regional e geracional de inserção agrícola que tensiona a interpretação que restringe a experiência sírio-libanesa ao universo urbano-comercial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo demonstrou, por meio do cruzamento sistemático de diferentes conjuntos documentais, a existência de uma dimensão pouco explorada na trajetória dos imigrantes sírios e libaneses no Oeste Paulista: a inserção agrícola de ao menos dez famílias em Jaú e municípios vizinhos entre 1910 e 1940. O achado tensiona a narrativa que restringe o grupo ao comércio urbano, ao evidenciar estratégias que articulavam acumulação mercantil e investimentos rurais.

A análise comparativa das três trajetórias revelou um padrão específico de mobilidade socioeconômica: diferentemente de italianos, espanhóis e portugueses – cuja ascensão esteve associada ao colonato e à pequena propriedade –, sírios e libaneses acumularam capital no meio urbano e investiram posteriormente em propriedades já estruturadas. Essa inserção, sustentada por redes familiares densas, ocorreu em escala média e grande, mas não se consolidou intergeracionalmente, uma vez que a segunda geração reorientou-se para atividades urbanas.

Do ponto de vista teórico-metodológico, o estudo evidencia a fecundidade da articulação entre Sociologia Histórica e Demografia Histórica e a centralidade do cruzamento entre estatísticas agrícolas, listas fiscais e inventários para revelar estratégias econômicas que não emergem em fontes isoladas. Embora limitado ao recorte espacial e temporal analisado, aponta para a necessidade de investigar se padrões semelhantes ocorreram em outras regiões cafeeiras e de aprofundar as razões da descontinuidade agrícola na geração seguinte. Em síntese, a experiência sírio-libanesa mostrou-se mais diversa do que a historiografia tradicional sugeriu, contribuindo para uma compreensão mais complexa das dinâmicas econômicas e sociais da sociedade paulista no início do século XX.

REFERÊNCIAS

KNOWLTON, Clark. **Sírios e libaneses:** mobilidade social e espacial. São Paulo, SP: Anhembi, 1961.

MONSMA, Karl. A nova sociologia histórica: contextos, trajetórias, evento e complexidade na análise da mudança social. In: RIBEIRO, M. T. R. (org.). **Dimensão histórica da sociologia:** dilemas e complexidades. Curitiba: Appris, 2016. p. 55-99.

SAFADY, Jorge Safady. **A imigração árabe no Brasil (1880-1971).** 1972. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 1972.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio. **Atlas Econômico do Estado de São Paulo.** São Paulo, SP, 1940. Disponível em: https://bibliotecadigital.seade.gov.br. Acesso em: 03 jul. 2024.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio. **Estatística Agrícola e Zootécnica do Estado de São Paulo no ano agrícola de 1934-1935.** São Paulo, SP, 1936. Disponível em: https://bibliotecadigital.seade.gov.br. Acesso em: 29 jul. 2024.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio. **Estatística Agrícola e Zootécnica do Estado de São Paulo no ano agrícola de 1930-1931.** São Paulo, SP, 1932. Disponível em: https://bibliotecadigital.seade.gov.br. Acesso em: 29 jul. 2024.

SKOCPOL, Theda. A imaginação histórica da sociologia. **Estudos de Sociologia,** Araraquara, SP, v. 9, n. 16, p. 7-29, 2007.

TRUZZI, Oswaldo Mario Serra. Sírios e libaneses no oeste paulista – décadas de 1880 a 1950. **Revista Brasileira de Estudos de População,** Rio de Janeiro, RJ, v. 36, n. art. e0086, 2019. DOI: https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0086

TRUZZI, Oswaldo Mario Serra. **Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo.** São Paulo, SP: Editora da UNESP, 2009.